

O último ato de um espetáculo de 59 dias

TEREZINHA LOPES

O palanque eletrônico diário e gratuito armado durante 59 dias no rádio e na televisão proporcionou aos 82 milhões de eleitores brasileiros um espetáculo que durou 128h20m — tempo suficiente para apresentar os candidatos, esquentar a campanha eleitoral, orientar os indecisos e exibir cenas grotescas. Quando a cortina descer hoje, às 21h40m, ao final do programa do candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, poucos terão decorado o enredo baseado no programa de governo de cada um, mas certamente levarão muito tempo para apagar da memória os jingles e trejeitos dos personagens.

"O meu nome é Enéas", dirá o candidato do desconhe-

cido Partido da Reedificação da Ordem Nacional (Prona) eternizando a frase mais célebre da campanha no último ato. Antônio Pedreira (PPB) repetirá pela última vez que é "o candidato da raça negra"; Leonel Brizola (PDT), "o candidato da esperança"; Livia Maria (PN), "a candidata das mulheres" e Paulo Maluf (PDS), numa espécie de premonição, "o presidente competente". Se o programa não alterou muito o resultado das pesquisas também não causou prejuízo a ninguém. Até mesmo as emissoras de rádio e televisão que cederam seus espaços para a propaganda gratuita serão ressarcidas. Palavra do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

"Se não fosse o programa, um candidato já poderia se considerar vitorioso no primeiro turno", observa o cientista político Bolívar Lamounier reportando-se há cinco meses quando o candidato do

PRN, Fernando Collor de Mello, tinha quase 30% de vantagem sobre o segundo colocado. Hoje, Collor mantém a liderança nas pesquisas, mas outros três concorrentes ao Palácio do Planalto também estão na competição. "Só sobreviveram os que passaram pelas corridas de obstáculos."

Tempo de apresentação no palco não atraiu público. Ulysses Guimarães (PMDB) e Aureliano Chaves (PFL) juntos ficaram 38 minutos por dia no ar — e reuniram ao final do espetáculo um total de apenas 5% da preferência dos eleitores. "Já sabíamos que os grandes partidos estavam desgastados e suas estruturas não seriam de grande valia", atesta o cientista.

Na última sexta-feira, mesmo assim, o programa eleitoral registrou o maior índice de audiência na Grande São Paulo desde o início do horário gratuito em 15 de setembro. Uma pesquisa feita

pelo Ibope em 200 domicílios, que representam a realidade de 13,7 milhões de famílias, indicou que 62% dos eleitores (8,5 milhões de pessoas) prestigiaram o programa no maior colégio eleitoral do País.

Dos 393 estudantes da Universidade de São Paulo submetidos a uma pesquisa promovida pela vice-diretora do Departamento de Relações Públicas da Escola de Comunicações de Artes a USP, Sara Chudid da Via, apenas 8,14% mudaram seus votos em função do que viram na televisão. O programa do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, foi apontado como o melhor (38,68%) seguido do de Mário Covas (PSDB), 16,54%. Os fatores que mais influenciaram os alunos na escolha de seus candidatos foram os debates na TV e as leituras de jornais e revistas.

O riso e a indignação dos eleitores ante o imobilismo

da sucessão de fotos de mau gosto e currículos hilariantes que pontuaram a propaganda eleitoral na vigência da Lei Falcão, foram substituídos, em 1989, por belas paisagens dos principais pontos turísticos do País, cenas de miséria, desfiles de artistas famosos e de carros, vinhetas impecáveis e pouco conteúdo político. Os ataques pessoais nos programas sem censura prévia — nem o presidente Sarney escapou — foram rebatidos de pronto com a inovação do "exercício de direito de resposta".

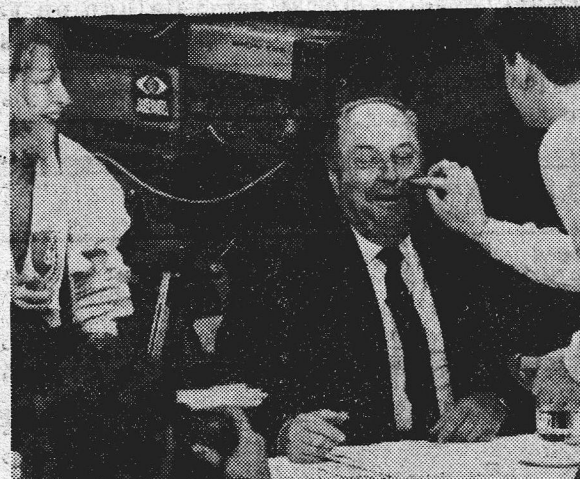
Cada ator desempenhou o papel traçado no roteiro por equipes tão numerosas quanto as grandes produções cinematográficas. Mário Covas (PSDB) tentou passar a imagem do candidato confiável e imbatível nas urnas no segundo turno; Ulysses Guimarães (PMDB), a do mais experiente; Collor de Mello (PRN), a de inimigo número um de Sar-

ney; Roberto Freire (PCB), do melhor; e Lula (PT), do mais radical.

Nos pastos da fazenda de Aureliano Chaves (PFL), em Três Pontas (MG) — o pano de fundo de seus programas — não se viu eleitor algum. Silvío Santos (ex-PMB), candidato por apenas uma semana, falou mais do que Marronzinho (PSP) em 59 dias. Poucos eleitores serão capazes de dizer quem é o PG, mas responderão sem errar a duas perguntas: Quem é o pai do vale-transporte? Qual o candidato que tem um cavalo branco? No final do espetáculo, uma cena melancólica. O ex-presidente do maior partido político brasileiro, Ulysses Guimarães, em mais um pronunciamento à Nação, clamou os eleitores a não votarem em candidatos conservadores e reacionários. "Não votem no candidato estouvado, arrebatado e imprevidente."



Lena Vettorazzo/AE



Renato dos Anjos/AE



Lena Vettorazzo/AE



Edu Garcia/AE



Arquivo

Nos programas ao vivo, o confronto entre os principais candidatos que dividiram o horário eleitoral gratuito: encontros, desencontros, conchavos e discussões